

DOCÊNCIA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

Ana Cristina Batista dos Santos Nascimento¹ – DEDC XII/UNEB-Guanambi

Sheila Catarine Pinto Evangelista Baliza² – Escola João Farias Cotrim - Guanambi

Maria de Fátima Pereira Carvalho³ - DEDC XII/UNEB-Guanambi

RESUMO

Este artigo versa sobre a experiência da docência compartilhada, das vivências e atividades desenvolvidas na iniciação à docência no Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Docência, da Universidade do Estado da Bahia durante o ano de 2014, na Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim, do município de Guanambi-BA. Traz um exemplo de atividade pedagógica desenvolvida com êxito em uma turma de 5º período da educação infantil nesta mesma unidade de ensino. Trata também da importância dessas vivências, da influência significativa destes momentos para os bolsistas, da convivência e cooperação entre pessoas com diferentes pontos de vista com objetivos comuns e das conquistas de um trabalho que buscou ser coerente com a realidade dos alunos desta instituição. Sendo assim, teve aceitação e parceria comprometida de todos os envolvidos. A abordagem metodológica utilizada pautou-se na pesquisa qualitativa com o uso da observação participante e anotações no caderno de campo para coleta e análise dos dados. Para o embasamento teórico, dialogamos com autores como Feldman (2009), Freire (2005) Mizukami (2002) entre outros, perpassando diferentes olhares sobre a temática em pauta. A partir dessa experiência, evidenciamos que a docência compartilhada durante o percurso formativo, possibilita ao acadêmico do curso de Pedagogia uma aproximação realista com o universo escolar e a dinâmica da sala de aula, considerando os seus limites e possibilidades, além de contribuir para a construção da identidade docente, o desenvolvimento da criatividade e uma prática problematizadora que se sustenta na pesquisa e nos saberes inerentes à docência.

PALAVRAS CHAVE: Docência compartilhada. Formação. Parceria.

¹Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – Campus XII/UNEB; Bolsista de ID do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas. anacristy26@hotmail.com

² Licenciada em Pedagogia – Guanambi-BA; Professora da Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim; Bolsista de Supervisão do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas. sheilacatts@hotmail.com.

³ Docente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XII; Membro do grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire – NEPE; Coordenadora de área do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas; Bolsista da Capes; Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Guanambi. F13carvalho@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de oportunizar ao licenciando em pedagogia uma aproximação mais significativa com o campo da docência, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por meio das coordenadoras de área do subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas proporcionou aos bolsistas, espaços formativos através da docência compartilhada.

Por meio de atividades diagnósticas, de observações e reflexões na Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim e de modo especial, na sala de aula de educação infantil do 5º período, foi possível traçar uma metodologia que contemplasse os bolsistas de id enquanto aprendizes do ofício e também, os alunos em suas especificidades. É pensando neste contexto que Mizukami (2002, p.167) situa o conceito de reflexão “[...] como um caminho para o aprimoramento da prática e a formação de professores, por ajudar a refazer o caminho trilhado possibilitando descobrir acertos e erros, e tentar construir novos rumos para a atuação quando necessário”.

Este momento foi muito oportuno para nós que estamos almejando uma profissão, pois além de estar em contato com a realidade da sala de aula, algo que já estávamos fazendo no PIBID nos anos passados, desta vez o contato nos permitiu experimentar a prática em sua totalidade, deixamos de ser expectadores influentes e passamos a ser professores atuantes, é claro que de modo assistido e bem orientado pelas coordenadoras, supervisora e a professora regente, nossa coformadora. A formação do professor, segundo Feldmam (2009, p.72) consiste:

[...] em compreende o fenômeno educativo sempre como uma tarefa inconclusa e perspectiva. É sempre uma forma fractal de interrogar o mundo, perspectiva essa perpassada pelos nossos valores, concepções, ideologias. Entender esse fenômeno é tomá-lo em sua concretude, em suas manifestações históricas, política e social. É sempre um processo relacional e contextual. Envolve relações entre as pessoas, projetos e processos que se produzem mutuamente, contraditoriamente embasados em uma visão de homem, de mundo e de sociedade. As pessoas não nascem educadores, se tornam educadores, quando se educam com o outro, quando produzem sua existência relacionada com a existência do outro, em um processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento mediante um projeto existencial e coletivo de construção humana.

O fato de estar à frente de uma sala de aula, nos fez sentir na pele as certezas e incertezas do dia a dia do professor. Nem tudo que se quer, pode ser feito e às vezes podemos fazer muito mais do que pensamos. Deste modo, é importante refletir sobre o que diz Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (...). O diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciar-lo, não esgotando, portanto, na relação eu-tu. (FREIRE, 2005b, p. 90-91).

Uma vez que as observações foram realizadas, aliadas às orientações e pesquisas, o nosso projeto de intervenção pedagógica por meio da docência compartilhada pode ser posto em prática e assim sendo, foram alcançados os nossos objetivos, que de imediato, era reconhecer as necessidades daqueles alunos e propiciar que essas necessidades fossem supridas. É válido ressaltar ainda que, estarmos na sala de aula com a professora regente, não foi um momento de disputa de poder, e sim um momento de compartilhar saberes e acima de tudo, podermos colher os frutos desta parceria.

Outro aspecto importante a se destacar, refere-se ao nosso propósito ter sido alcançado, embora o nosso esforço tenha sido grande, encontramos apoio de toda a escola para que tudo que propomos fosse possível, apesar da escola está funcionando em uma casa alugada e o espaço físico ser bem restrito, encontramos saída em tudo que poderia ter sido um empecilho para o bom desenvolvimento deste trabalho. Nessa direção, Horn (2004, p. 28, apud HANK, 2006), destaca:

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado.

Assim, é importante compreender que uma infraestrutura adequada possibilita aos mais variados segmentos da escola uma relação promissora no seu papel pedagógico. A necessidade de uma instituição de ensino bem estruturada é de fundamental importância para o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais e morais dos discentes. Um espaço acolhedor transforma o aprendizado em uma ferramenta estimuladora e, cria condições para que o ato educativo possa ser refletido na formação global da criança.

Deste modo fica perceptível que, apesar da estrutura física da escola não estar adequada, ainda assim é possível fazer uma boa educação, desde que haja empenho e união de todos aqueles que fazem parte da escola. Essa parceria contribuiu significativamente para o nosso processo formativo.

METODOLOGIA

A proposta da docência compartilhada por meio do projeto de intervenção “práticas pedagógicas na educação infantil e nos anos iniciais” foi dividida em duas etapas. Em um primeiro momento fizemos a observação coparticipativa, seguida de uma atividade diagnóstica, que foi devidamente orientada pela coordenadora de área e a supervisora do subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas/PIBID e também contou com o aval da professora regente, docente coformadora da sala de aula do 5º período da educação infantil. Esta atividade diagnóstica teve por objetivo conhecer em que níveis de aprendizagem da leitura e da escrita se encontravam os alunos e assim poder traçar uma estratégia que contemplasse as necessidades destas crianças.

Também queríamos que a abordagem de ensino pudesse instigar o aluno a se interessar cada vez mais pela escola e pelo ato de aprender.

No segundo momento de nossa abordagem, uma vez que já conhecíamos as crianças a sala de aula e as necessidades de aprendizagem delas, decidimos em conjunto com a escola algumas metodologias de ensino e iniciamos esta abordagem no primeiro semestre com o conto de histórias infanto-juvenis e posteriormente, demos sequência já no segundo semestre, com música. Segundo Oliveira (1985, p.74):

(...) Um recurso metodológico capaz de proporcionar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a socialização, sendo portanto reconhecidos como uma das atividades mais significativas pelo seu conteúdo pedagógico social.

De todos os recursos metodológicos utilizados durante este ano, o que mais deixou marcas foi o da nossa primeira abordagem, pois os frutos deste trabalho foram colhidos todos os dias do ano letivo. Essa primeira abordagem foi feita com o livro “História de Jardim”, um livro somente de gravuras, o que possibilitou às crianças usarem a imaginação, e aos

professores foi um estímulo no sentido das várias possibilidades de atividades que foram desenvolvidas.

Uma das atividades com o uso deste livro, foi possibilitar às crianças a terem um contato direto com a natureza, como o livro mostra a imagem de uma semente de girassol caindo na terra e brotando, quisemos mostrar às crianças de modo concreto como seria se elas mesmas plantassem e cuidassem da plantinha.

Na impossibilidade de se ter um jardim na escola, dado os fatos já relatados antes, levamos para a instituição vasos com terra e adubo orgânico e também sementes que foram distribuídas às crianças da classe de educação infantil que em seguida, plantaram as sementes e molharam os vasos.

Com o passar dos dias, percebemos que toda criança ao chegar à escola, a primeira coisa que fazia era molhar as plantinhas, se estivessem secas e parava alguns minutos observando-as, e como não bastasse, elas mesmas fizeram uma escala para cuidar das plantas e não deixar que alunos de outras turmas bagunçassem, mas a maior alegria dessas crianças foi perceber que as plantinhas tinham florescido, este dia realmente foi inesquecível a alegria delas. Foi tão grande que riam, pulavam, cantavam e chamavam todo mundo para ver o acontecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante do que foi relatado, podemos analisar a importância dessa experiência proporcionada pelo subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas, vinculado ao PIBID/UNEB.

Como graduandos de Pedagogia, estar inseridos em uma sala de aula e poder dividir esses saberes com profissionais da docência, além de ser gratificante experimentar a realidade, é também de suma importância para o nosso aprendizado e formação profissional. Por isso, a ação-reflexão na formação docente ajuda na compreensão entre a práxis teoria e prática, pois tendo reflexão na prática, haverá a busca de conhecimentos teóricos que contribuirão para sua eficácia.

Nessa direção Barreiro e Gebran (2006, p.22) afirmam:

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito

autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas.

Embora nesta experiência os aspectos positivos superarem os negativos, sabemos que nem sempre é esta a realidade, por outro lado vimos que não são as dificuldades que devem nos desanimar, elas aliás, servem para nos mobilizar na busca de alternativas que possibilitem o fazer docente ser mais gratificante. Assim sendo, a docência compartilhada durante o nosso processo formativo, nos permite construir a identidade docente, bem como construir saberes inerentes à docência.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino:** elemento articulador da formação do professor. IN: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores*. São Paulo: Avercamp, 2006.

FELDMAN, G. (org). **Formação De Professores e Escola na Contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MIZUKAMI, M da G.N.et. al. **Escola e Aprendizagem da Docência:** Processos da Investigação e Formação. São Carlos: EduFSCar 2012, 203 p. OLIVEIRA, V M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1985.